

Memória e história: o caso da telenovela Amor e Revolução.

Dayse Maciel de ARAUJO¹

Resumo: O objetivo deste artigo é o de examinar a memória histórica através das narrativas de militantes contrários ao golpe civil e militar de 1964-85 assim como dos defensores do militarismo cujos testemunhos foram inseridos na telenovela *Amor e Revolução* (SBT, 2011-12). Discutindo uma telenovela de caráter “história-memória-ficção” (Marc Ferro, 2001) pela primeira vez, no Brasil, um produto midiático popular e de grande alcance social, aborda, através de depoimentos dos participantes, a crueza da luta contra a ditadura. São lembrados os torturados, os mortos e os desaparecidos, na voz de seus companheiros. Da mesma forma militares que comandaram ou apoiaram a repressão aos opositores do governo militar tiveram espaço para defender seus pontos de vista. A novela foi veiculada após as 22h (fora da *prime time*), num canal especialista em programas de auditório e não em produção da teleficção. A história oral narrada, transmitida por uma emissora de televisão aberta, durante três meses, com linguagem clara, levou ao conhecimento da audiência fatos da história para os que não viveram este tempo e, em geral, desconheciam as torturas e assassinatos dos opositores ao golpe civil e militar de 1964. Mobilizando as esferas da memória, da subjetividade, do consumo cultural a partir da teledramaturgia, o artigo busca mostrar a decodificação dos discursos dos testemunhos de caráter memória histórica pelas vozes dos internautas, neste caso, receptores ativos que se posicionaram ideologicamente em campos opostos na seção de “comentários” do site YouTube. Por meio de uma abordagem qualitativa, amparada pela Análise de Discurso de linha Francesa, analisamos os fios tramados nas vozes presentes nos relatos, que foram veiculados para conferir verossimilhança à teleficção sobre o passado, mas também revelaram, pelo simples relato, a possibilidade de influir, politicamente, no tempo presente.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing – São Paulo. Email: daysema@terra.com.br.

Palavras-chave: Amor e Revolução; Comunicação e História; Consumo cultural e Telenovela.

Memoria y historia: el caso de la telenovela Amor e Revolução.

Resumen: El propósito de este artículo es examinar la memoria histórica a través de los relatos de los activistas que se oponen a el golpe de Estado civil y militar 1964-85, así como los defensores del militarismo cuyos testimonios fueron insertados en la telenovela *Amor e Revolução* (SBT, 2011-12). Hablar de una telenovela “historia-memoria-ficción” (Marc Ferro, 2001) por primera vez en Brasil, un producto popular y de mayor alcance social abarca a través de los testimonios de los participantes, la crudeza de la lucha contra la dictadura. La tortura, los muertos y desaparecidos son recordados, en la voz de sus compañeros. De la misma manera el ejército que ordenó o apoyó la represión de los opositores al gobierno militar tuvo espacio para defender sus puntos de vista. La novela fue transmitida después de las 22h (después del *prime time*), en una emisora especialista en programas de auditorio y no en producción de ficción. La historia oral narrada y transmitida por una red de difusión de televisión durante tres meses, con un lenguaje claro, dio a entender los hechos de la historia para aquellos que no han experimentado este tiempo y, en general, ignorado la tortura y asesinato de opositores al golpe civil y militar de 1964. Movilizando la memoria, la subjetividad y el consumo cultural a partir de la telenovela, el artículo pretende mostrar la decodificación de los discursos de los testimonios por las voces de los internautas, en este caso, los receptores activos que estaban ideológicamente en campos opuestos de la sección de “Comentarios” del sitio YouTube. A través de un enfoque cualitativo, basado en el Análisis del Discurso de línea Francesa, analizamos los hilos tejidos en las voces de los testigos, los cuales fueron transmitidos a dar verosimilitud a ficción sobre el pasado, sino que también revelan, por la simple presentación de informes, la posibilidad de influir políticamente, en el momento actual.

Palabras clave: *Amor e Revolução*; Comunicación e Historia; Consumo cultural y Telenovela.

Introdução

Ao completar 50 anos do início da última ditadura brasileira observa-se um intenso debate sobre o período. A memória e a história do período ditatorial militar encontram-se em matérias de jornais e revistas

de grande circulação, revistas acadêmicas, debates em universidades e em entrevistas de programas de televisão aberta ou paga. O tema não sai da pauta em 2014.

Busca-se responder como e por que aconteceu. E, principalmente, o que fazer para desmontar os mecanismos de abuso do poder que ainda estão presentes em nossa sociedade. Outros aspectos, que estão presentes nas discussões, referem-se à permanência no Brasil, de hoje, de vários problemas que o nosso país enfrentava no início da década de 1960. Qual o papel do Estado no desenvolvimento econômico? Como diminuir a desigualdade social? O que fazer para superar a deficiência na educação? Ainda não há consenso nas respostas a estas perguntas.

Parte dessas discussões circularam pela mídia, especializada em política, em televisão e pelo campo acadêmico, quando o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) levou ao ar, em 2011-12, a telenovela *Amor e Revolução* que retratava fatos históricos, arbitrariedades dos militares no poder e a resistência da militância política durante os governos dos militares das décadas de 1960 a 1980. No plano não ficcional, a telenovela incluiu, nos três primeiros meses de exibição, ao final de cada capítulo, depoimentos de pessoas que, direta ou indiretamente, eram contrárias ao regime militar do período 1964-85 ou que se envolveram na defesa dele.

O objetivo deste artigo é estudar as ressignificações das mensagens desse produto midiático junto aos internautas que comentaram sobre os depoimentos incluídos em *Amor e Revolução*. Ao escolhermos estudar as ressignificações das mensagens desse produto midiático acreditamos que as telenovelas brasileiras são um espaço privilegiado no campo da comunicação/educação e da história/memória para atuação de educadores. Para um professor de História ou de Comunicação, em particular, *Amor e Revolução* é um lócus na formação dos sentidos sociais e o conhecimento efetivo do campo comunicação/educação é uma oportunidade para que os sujeitos construam uma postura crítica diante da mídia e diante do mundo.

Na busca da contribuição para o conhecimento científico no campo da comunicação e sua interface com as práticas de consumo, nosso tema é delimitado pela articulação da comunicação midiática, consumo cultural e educação não formal, investigando a produção de sentidos sobre o exercício da cidadania a partir da decodificação das mensagens ficcionais e não ficcionais de *Amor e Revolução*.

Os estudos de recepção foram o ponto de partida para analisar os testemunhos. Embasamos-nos em

Baccega, que nos inspirou com a sua forma de observar os processos sociais:

Trabalhamos a comunicação como um processo de produção, divulgação e reconstrução dos sentidos sociais, os quais resultam do e impulsionam o processo histórico-social. O compartilhamento desses sentidos, que ocorre nos processos de interação, e sua forte presença na trama da cultura permitem-lhe interagir com a dinâmica da sociedade no caminho das rupturas ou da manutenção das tradições. (BACCEGA, 2010, p. 12).

Os principais aportes teóricos que embasaram nossas análises encontram-se nos estudos de Dramaturgia, Análise de Discurso de Linha Francesa (ADF), nos conhecimentos do campo da Antropologia e Sociologia do consumo, filosofia da História e nos conceitos de aprendizagem pela educação não formal.

Além desses, incluímos conceitos teóricos sobre memória coletiva e individual e sobre o exercício da cidadania à luz do contexto político, econômico e social dos anos 1960 e da atualidade.

Dessa maneira, encontramos na interdisciplinaridade o respaldo necessário para a condução desta pesquisa. Nesse sentido, nos ancoramos em Lopes, para quem a *Comunicação* é um campo autônomo no sentido institucional, mas, em termos epistemológicos, aponta para um movimento de convergência de saberes especializados para os estudos dos fenômenos da comunicação. Em suas palavras:

É, antes, um produto das relações entre o objeto de estudo, a especificidade das contribuições analíticas e a particularidade da evolução histórica entre ambos. São os percursos disciplinares já trilhados nas tradições dos estudos da comunicação que autorizam parafrasear Canclini (GARCIA-CANCLINI, 1999, p. 69) que diz: “Estudar a (cultura) comunicação requer converter-se num especialista de intersecções”. (LOPES, 2000-2001, p. 51).

A autora argumenta ainda que a ampliação da instância epistemológica no campo da comunicação revela a “complexidade e multidimensionalidade dos fenômenos comunicativos num mundo cada vez mais globalizado, multiculturalizado e tecnologicado, mas também cada vez mais fragmentado e desigual”. (LOPES, 2000-2001, p. 51).

Memória e História: entre textos no campo da Comunicação

A teledramaturgia, levada ao ar pelo SBT, repercutiu mais pelas polêmicas e debates que gerou do que pelo sucesso comercial. Um dos alvos dos debates entre os espectadores também foram os 66 depoimentos inseridos ao final dos capítulos levados ao ar entre 05/04/2011 a 05/07/2011.

Os internautas que comentaram a telenovela se referem aos sistemas democráticos e ditatoriais onde se debatem ideologias de *direita* e *esquerda*, liberdade e repressão.

Para Luiz Signates, em uma democracia estão presentes as condições essenciais da liberdade: “a fala e a formação de opinião, que constituem direitos humanos universais, mediante os quais a ética democrática se consolida em todos os seus aspectos” (SIGNATES, 2012, p. 12).

A ideologia de esquerda para o historiador Jacob Gorender caracteriza-se por: “movimentos e ideias endereçadas ao projeto de transformação social em benefício das classes oprimidas e exploradas. Os diferentes graus, caminhos e formas de sua transformação social pluralizam a esquerda e fazem dela um espectro de cores e matizes” (GORENDER, 1990, p. 7).

Para discorrer sobre o conceito de direita recorreremos ao sociólogo Emir Simão Sader que, partindo de Norberto Bobbio, também situou o sentido da *esquerda* nos movimentos de luta armada no Brasil dos anos 1960-70. De acordo com Sader: “[...] a direita se compõe dos conservadores daqueles que se interessam pela reprodução e manutenção do sistema vigente, o capitalismo; e a esquerda se caracteriza por integrar aqueles que desejam a evolução e a superação de tal sistema” (SADER, 1995, p. 21 e 64).

A história oral dos depoimentos mereceram de nossa parte contextualização e análise dos comentários postados no YouTube e *blogs*, voltados para teledramaturgia, para identificar o jogo de sentidos à luz dos posicionamentos ideológicos daqueles que se manifestaram. Essa forma de comunicação ganhou um novo espaço com o aparecimento da internet onde ocorrem “diálo-

gos” entre pessoas que não necessariamente convivem pessoalmente. Esse foco de pesquisa foi apontado por Hamburger:

Mais recentemente, a novela inspira pesquisas que buscam conceituações que contribuam para o entendimento da sociedade pós-industrial e transnacional, em que o paradigma não é mais o da cultura de massas, mas o das conexões em rede. A novela brasileira desafia polarizações entre alta e baixa cultura, cultura erudita e popular, modernismo e cultura de massa. O gênero convida, ainda, a análises que integrem formas de produção, expressões estéticas, estilísticas e dramáticas, e interlocuções distorcidas e mediadas estabelecidas com diversos segmentos do público (HAMBURGER, 2011, p. 73).

Trilhando por esse caminho entendemos que a estratégia de comunicação dos fatos ocorridos durante o governo militar buscou atingir um estrato da população que é o público-alvo do SBT.

A intersecção entre memória e dramaturgia nos é oferecida por Jesús Martín-Barbero. Ao abordar a relevância cultural da telenovela nas sociedades da América Latina, esse autor observa: “Não existe acesso à memória histórica nem projeção possível sobre o futuro que não passe pelo imaginário” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.306).

Em recente entrevista Marc Augé ratifica o seu convencimento de que a história não acabou, pois crê na “utopia da educação” como “a única esperança de reorientar a história dos homens na direção dos fins”. O antropólogo francês coloca a lupa sobre uma ideia cujos sentidos parecem esquecidos pela perda da perspectiva histórica: num mundo amputado pela crença de que se vive numa espécie de “presente perpétuo”, as complexidades do futuro se apagam:

O futuro é uma dimensão de qualquer sociedade. De vez em quando, era dito que as sociedades que estudavam a etnologia tradicional não tinham o sentido do tempo para imaginar o futuro, enquanto que as sociedades modernas e ocidentais

enfrentaram o futuro por meio da ciência e da ideia de progresso. Hoje em dia, o interessante é que vivemos num paradoxo. “A ciência se desenvolve de forma tão rápida, que não podemos imaginar o futuro” [...] Desapareceram as utopias do século XIX; os grandes relatos dos quais falava (Jean-François) Lyotard fracassaram ao longo do século XX, de tal maneira que prevalece uma prudência intelectual. Por outro lado, temos medos vinculados ao aumento da população e à consciência de que maltratamos o planeta. A diferença entre o desenvolvimento da ciência e a timidez frente ao futuro é um traço importante de nosso tempo (AUGÉ, 2012).

Augé alerta que “precisamos de uma relação com o futuro, pois não vivemos no presente”. Para ele há um desajuste entre os aspectos globais dos meios de comunicação, do mercado ou dos espaços de circulação, com a realidade concreta e histórica das diversas culturas, das nações, inclusive dos indivíduos:

Temos uma tendência a explicar as coisas a partir do passado, também em nível político, inclusive na filosofia da história, que imaginava o futuro a partir de um modelo que tinha suas raízes no passado. É como na psicanálise, que explica o crescimento de um indivíduo a partir de seu passado, o que é evidente. Sou sensível à análise de Sartre, que explica que na ideia de criação existe algo que escapa à determinação; [...] a aparição de uma obra, como dizia Sartre, escapa da determinação pelo passado. O relato determinista da psicanálise é evidente, insuficiente e simplista (AUGÉ, 2012).

Antes de passarmos a analisar os testemunhos e os comentários recorreremos ao pensamento da jornalista argentina Beatriz Sarlo para quem “o passado é sempre difícil” como veremos adiante nos conteúdos chocantes de alguns depoimentos:

Além de qualquer decisão pública ou privada, além da justiça e responsabili-

dade, há algo intratável no passado. Podem suprimi-lo somente a patologia psicológica, intelectual ou moral, mas ainda está lá, longe e perto, assombrando o presente como a memória que explode quando menos se espera ou como nuvem traiçoeira em torno do fato que não se quer ou não se pode lembrar (SARLO, 2005, p. 9).

A despeito dessa dificuldade Sarlo alerta que vivemos em uma época de forte subjetividade e que a confiança gerada pela proximidade da voz e da pessoa favorece o testemunho. Ela relembra que durante a ditadura militar na Argentina algumas questões não podiam ser pensadas com profundidade e só começaram a ser discutidas após a transição democrática. O resgate da memória tornou-se um dever e os testemunhos tornaram possível a condenação ao terrorismo do Estado: “nenhuma condenação teria sido possível se os atos de memória, manifestados nos relatos dos testemunhos e das vítimas, não tivessem existido” (SARLO, 2005, p. 24). Porém, ela mesma faz o contraponto, ressaltando que o depoimento é pautado, de alguma maneira, pelo imaginário da sociedade:

A história de circulação em massa, no entanto, é sensível às estratégias com que o presente retoma, funcionalmente, o assalto do passado e acredita que é inteiramente legítimo colocá-la em evidência. Se não encontra resposta na esfera pública atual, falhou e é completamente desprovida de interesse. A modalidade não acadêmica (mesmo que seja um historiador acadêmico que a pratique) escuta o senso comum do presente, atende as crenças do público e se orienta em função delas. Isso não significa que seja lisa ou falsa, mas sim conectada com o imaginário social contemporâneo, cujas pressões recebe e aceita mais como vantagem do que como limite (SARLO, 2005, p. 14-15).

Em sua obra “Tempo passado” a jornalista chama a atenção para as fragilidades da reconstrução da história baseada apenas na memória e no relato: “não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem relato”.

A escritora argentina discorre ainda sobre um artigo publicado por Paul de Man em 1979. Para ele a consciência de si mesmo é uma forma de representação, o “eu” textual põe em cena um “eu” ausente:

As chamadas autobiografias seriam indistinguíveis da ficção em primeira pessoa, uma vez que se aceite que é impossível estabelecer um pacto referencial que não seja ilusório (ou seja: os leitores podem crer, inclusive o escritor pode escrever com base nessa ilusão, mas nada disso garante que ela remeta a uma relação verificável entre um “eu” textual e um “eu” da experiência vivida) (SARLO, 2005, p. 38).

Sarlo reconhece que o campo da memória é um campo de conflitos que se encontra entre aqueles que mantêm a recordação dos crimes de Estado e aqueles que propõem passar para outra etapa “encerrando o caso mais monstruoso de nossa história”.

Entretanto alerta que nos países onde houve violências, guerras ou ditaduras militares há uma ansiedade de “não perder a memória” que se entrelaça com a política. A “visão do passado”, no sentido proposto por Sarlo, aponta para “guinada subjetiva” na área de estudo da historiografia que atribui ao testemunho um ícone de verdade, embora reconheça seu valor como um dos recursos para a reconstituição do passado. Principalmente quando as fontes materiais que comprovariam a ocorrência dos fatos tiverem sido destruídas ou ainda estão desaparecidas.

Para ela a questão do passado pode ser pensada de muitas maneiras e “a simples contraposição da memória completa e o esquecimento não é a única possível”. Para ilustrar sua reflexão a escritora cita uma frase de Susan Sontag: “Talvez se atribua muito valor à memória e um valor insuficiente ao pensamento [...] é mais importante entender do que recordar, mesmo que para entender seja preciso, também, recordar” (SARLO, 2005, p. 26).

Sobre este ponto de vista Sarlo recorre ao pensamento do filósofo francês Paul Ricoeur:

As narrações da memória também insinuam outros problemas. Ricoeur assinala que é errado confiar que a narração possa abastecer a lagoa de explicação/

compreensão: “Se criou uma alternativa falsa que faz da narratividade tanto um obstáculo como um substituto da explicação” (SARLO, 2005, p. 67).

A respeito do “mito da memória” Sarlo defende que “o passado imaginado se torna não só um problema para a psicologia, senão também (e se deveria dizer, sobretudo) para historiografia... A memória coloniza o passado e o organiza sobre a base das concepções e das emoções do presente”.

Para observar criticamente o passado das ditaduras militares na América do Sul, Sarlo recomenda, em primeiro lugar, que se leve em conta que o passado está muito próximo e por isso “ainda desempenha funções políticas no presente”. Em seguida, vale lembrar que os que recordam não estão afastados da luta política contemporânea. Por último, sobre as décadas de 1960 e 70 existe uma massa de material escrito dos eventos que “antecipavam o transcurso dos fatos”. Essas fontes são ricas porque dizem muito das recordações dos protagonistas e demarcam o espírito de uma época. Porém, a jornalista ressalva, enfaticamente, a necessidade de observar os relatos com criticidade. Em suas palavras:

Saber como pensavam os militantes em 1970, e não limitar-se à lembrança que eles agora têm de como eram e como atuavam, não é uma pretensão reificante da subjetividade nem um planejamento para expulsá-la da história. Significa, somente, que a “verdade” não resulta do submetimento a uma perspectiva memorialística que tem limites nem, muito menos, a suas operações táticas (SARLO, 2005, p. 83).

Diante das colocações de Sarlo e vinculando-as ao pensamento da historiadora Marialva Barbosa: “conhecer e compreender o passado significa ir em busca da nossa humanidade”, entendemos que o ato comunicacional, relacionado ao ato histórico, deve ser analisado e contextualizado no tempo e no espaço.

Barbosa aponta que o objetivo último da filosofia da História é responder: qual o significado da existência histórica? A história é a nossa relação silenciosa ou ruidosa com o passado, presente e futuro, é o fato de estarmos no mundo.

Para a historiadora, conhecendo e interpretando o passado inferimos que podemos construir no presente outra história – diferente da que constituiríamos se permanecêssemos na ignorância – e nossos atos presentes influenciarão o futuro. Em suas palavras:

Ainda que a história tenha formulado seu campo de atuação visando ao passado, definindo-se muitas vezes como a “ciência dos homens no tempo” – se quisermos aqui nos apropriar da expressão clássica de Marc Bloch –, enquanto a comunicação se refere às relações que envolvem ações presentes, ambas dizem respeito às relações humanas, seja nas sociedades presentes seja nas passadas. Significa ir em busca da nossa humanidade pelo ato narrativo. Trata-se de buscar as práticas humanas do passado ou do presente que se materializam sempre em atos comunicacionais. O que em histórica se faz é seguir pistas, traços, rastros, vestígios que indicam que os homens do passado passaram por aqui. Essas pistas estão sempre expressas em atos comunicacionais que fixam marcas duráveis. O que se faz em comunicação é colocar em evidência os processos comunicacionais numa época comum, o presente vivido, para tentar não apenas explicar essas narrativas, mas compreender as ações desses homens no presente. Ações que só se constituem pelo ato narrativo (BARBOSA, 2009, p. 13).

O que é ser “humano”? Segundo a historiadora, apropriamo-nos da nossa humanidade pela linguagem, pelas regras de usos dos objetos, por aquilo que denominamos costumes, tradições, hábitos, ciência: “é através desse conjunto de regras, normas, valores, preceitos e fundamentos que percebemos e sabemos nos comportar como humanos” (BARBOSA, 2009, p. 15).

Ela entende história como a luta por significação no sentido de construir um saber pensado como legítimo. Porém, alerta (como Beatriz Sarlo também o fez) que a significação e classificação dependem das filiações teóricas, “são lutas por distinções, [...] no dizer de Bourdieu, os heréticos e os ortodoxos, aqueles que fazem parte, num determinado momento, do jogo classificatório e os outros que se opõem a este jogo” (Idem, p.15).

Esse debate, sobre a veracidade dos fatos ocorridos no passado recente, encontra-se presente na mídia neste momento, principalmente em notícias e opiniões relacionadas à *Comissão da Verdade* em atividade de 2012 a 2014.

A construção de qualquer história a partir da seleção e organização dos registros, para ser inteligível, tem que ter começo, meio e fim de acordo com uma interpretação específica. Nesse contexto, Barbosa reflete que “há que se perceber que o passado, mesmo se considerado como real, é sempre inverificável. À medida que ele não mais existe, só indiretamente é visado pelo discurso da história” (BARBOSA, 2009, p. 20).

Como a história é pensada prioritariamente nos estudos de comunicação que envolvem a questão histórica? Marialva Barbosa defende que é inútil estabelecer o “início primordial”, mas sim é preciso enquadrar a narrativa dentro da “grande” narrativa da mitologia judaico-cristã do mundo ocidental: o mito do apocalipse e da gênese. A Bíblia se constitui na intriga grandiosa da história do mundo e cada narrativa (intrigas literárias ou históricas) é uma espécie de miniatura dessa grande intriga que caminha da gênese ao apocalipse.

As narrativas precisam ser construídas de maneira coerente. O final transforma-se de iminente em imanente. Constrói-se não a imagem do fim último e inexpugnável (o apocalipse), mas os últimos tempos: tempos de terror, de decadência, mas também de renovação (BARBOSA, 2009, p. 25).

No instante em que se cria desejo de natureza cultural, uma mentalidade, pode-se começar a trocar alguma coisa imaterial (o pensamento transformado em textualidade narrativa de maneira periódica) criando valor. Porém essa condição só é possível se houver mentalidade abstrata de um público amplo que dê valor para ideias que circulam por meios de comunicação. Barbosa (Idem) destaca que quando a família real veio para o Brasil, em 1808, trouxe a imprensa, mas não era apenas o analfabetismo que impedia a explosão da imprensa, a sociedade era oralizada e as letras impressas foram sempre mais ouvidas do que lidas.

A correlação história e comunicação é um processo de longo prazo e Marialva Barbosa aponta que “continuidades e rupturas fazem parte da análise daqueles que se aventuram pelo universo da comunicação

como história, tal como continuidades e rupturas fazem parte de nossa existência” (BARBOSA, 2009, p. 25).

Articulando a esse raciocínio nos referimos à dramaturga Renata Pallotini que refletiu sobre a influência que a tela e a luz exercem sobre “a população pobre, ignorante, analfabeta, desprotegida e maltratada, como é a brasileira, em parte ponderável e neste momento de sua história”. Pallotini dialogou com Umberto Eco que vaticinou: “Uma civilização democrática só se salvará se fizer da linguagem da imagem um estímulo à reflexão crítica, não um convite à hipnose” (PALLOTINI, 2012, p. 185).

Nem só os intelectuais do mundo acadêmico veem na telenovela um convite à reflexão crítica. Ao avaliar *Amor e Revolução* um internauta que interagiu com o *blog* do crítico de TV, Maurício Stycer, no *site* UOL, comentou:

11/09/2011 às 2:18 A verdade é que, nós brasileiros nunca ficamos sabendo o que realmente aconteceu na ditadura, por isso acho interessante, o sbt teve coragem de mostrar um pouco de tudo aquilo c/muitos relatos de pessoas que viveram aquela época. pq o brasil quer mostrar essa imagem de país bonzinho, e de bonzinho n tinha nada e n tem nada, ficam dizendo que é um país democrático, mas que democracia é essa, que obriga as pessoas votarem? [...] esse país precisa mostrar a cara de verdade. Luiz

A preocupação em registrar os acontecimentos ocorridos no período em estudo teve várias motivações. Os autores do livro *Tiradentes: um presídio da ditadura, memórias de presos políticos* reuniram relatos de pessoas que ficaram presas no presídio Tiradentes da cidade de São Paulo durante os “anos de chumbo”. Para eles a “preocupação maior era que a memória de cada um, até pelos anos que já se passaram, não viesse a confundir ou distorcer os fatos, evitando-se cair no mesmo erro dos vários governos da ditadura e – pior ainda – dos que lhes sucederam” (ALMADA; FREIRE; PONCE, 1997, p. 23).

Na telenovela em estudo, a história oral sobre o passado recente do nosso país foi ampliada com os depoimentos de pessoas que se opuseram ou defenderam a ditadura.

As repercussões no YouTube: a história oral dos militares e dos estudantes dos anos 1960

Dois meses antes da estreia da telenovela, o site de vídeos YouTube já disponibilizava dramatizações de tortura que seriam apresentadas em *Amor e Revolução*. Houve especulações de que elas teriam sido publicadas pelo SBT como estratégia de lançamento da telenovela. Os depoimentos reais foram outro destaque da telenovela a chegar ao YouTube.

Retomamos as colocações de Susan Sontag (2004, p. 170) sobre o poder da imagem e a necessidade de consumi-la: “Uma sociedade se torna ‘moderna’ quando uma de suas atividades principais consiste em produzir e consumir imagens, quando imagens têm poderes excepcionais para determinar nossas necessidades em relação à realidade e são, elas mesmas, cobiçados substitutos da experiência em primeira mão [...]”. A nosso ver, na atualidade, a produção e o consumo de narrativas audiovisuais na internet ganhou largo espaço. Dessa forma, o que é ‘postado’ no YouTube recebe novos significados e experiências de consumo, como as relatadas a seguir.

Tanto os depoimentos quanto as cenas da telenovela são cenário de discussões políticas bastante acirradas entre os internautas do YouTube. Da mesma forma, revelam a complexidade das mídias sociais. Lopes e Mungiole (2011, p. 245) ressaltam a grande atividade das comunidades virtuais e destacam o fato de serem “plurais e múltiplos, ainda que diversos fragmentados e individualizados”. Nas dramatizações, questões políticas e ideológicas dividem atenção com temas como o estupro, bem como com comentários sobre a beleza de determinada atriz ou ator, sobre a qualidade dramaturgica e técnica da telenovela.

Já em alguns depoimentos, notamos o interesse pelos fatos históricos. Muitos postam informações adicionais sobre acontecimentos relacionados e indicam outros vídeos com dados relevantes sobre o momento histórico.

Há grande embate ideológico. Isto nos faz recordar Arlindo Machado (2009): “A televisão é o lugar da informação permanentemente atualizada, da educação continuada, do entretenimento serializado e, se possível, da participação da comunidade de telespectadores” (p. 228). Com o surgimento das redes sociais, telespectadores encontram um novo espaço de expressão.

No caso de *Amor e Revolução*, encontramos a presença de discursos contra a ditadura (caso da maioria dos *posts* do YouTube) e a favor da retomada dos fatos históricos, dos quais trazemos o seguinte exemplo:

Exemplo 1: *Queria poder ver a cara de quem fez isso com ele, dos torturadores, queria saber como anda o coração deles também, como podem olhar para seus filhos e netos sabendo que fizeram sofrer tantos outros filhos e netos de nosso Brasil. Como ensinar o certo e errado se nem os próprios sabem, vergonha alheia da história esquecida de nosso país, e um orgulho imensurável de todos os lutadores, que por um mundo melhor deram a única coisa que lhes pertencia, a vida.*

Mas nos deparamos, da mesma forma, com posts de pessoas que atacaram as táticas de guerrilha (exemplos 2 e 3):

Exemplo 2: *Realmente não dá pra entender como tem gente que assaltava banco, sequestrava e explodia bomba para instalar um regime comunista soviético. Deveriam ser todos presos.*

Exemplo 3: *É meu filho, mas os terroristas e bandidos estavam se infiltrando no exército, nos sindicatos e nos setores do governo. Foi necessário o exército intervir mesmo, justamente pra acabar, pela raiz, com a graça. Você fala muita besteira. Não leu nada sobre o assunto. E fica falando pelos cotovelos. Já aderiu até o clichêzinho comunista: todo mundo é fascista, só você é o santo. Tadinho de você, nem originalidade você tem!*

As múltiplas vozes que formam o Brasil da atualidade podem ser encontradas nos depoimentos presentes no YouTube. Elas constituem um estrato da sociedade brasileira e das questões que a ditadura militar ainda suscita. Questões que *Amor e Revolução* retomou em sua dramaturgia. Afinal, toda telenovela narra uma história que está inserida em um contexto histórico e social. Lembramos aqui também o conceito empregado por Michel Pêcheux, de estatuto social da memória, espécie de conjunto de costumes sociais guardado na memória e não sistematizado. Esse estatuto carrega consigo informações comuns ao coletivo, que permitem a interpretação ou a produção de um discurso de acordo com os signos utilizados pela sociedade.

As características guardadas na memória são da mesma forma, buscadas para se constituir um discurso. Cada formação discursiva traz na bagagem outras vistas, de alguma maneira presentes no novo discurso. Como observa Orlandi (2010, p.33): “o interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determina o que dizemos”. É nesse interdiscurso que estão as referências para o dizer.

Os testemunhos na telenovela *Amor e Revolução*

A ditadura militar no Brasil teve início em 1964, com um golpe que resultou no afastamento de João Goulart da presidência. O militarismo de 1964-85 ficou marcado como um período de perseguição, prisões arbitrárias, tortura e morte institucionalizada nos porões da ditadura. A tentativa de luta armada contra o militarismo instaurou-se fortemente nas guerrilhas, que reuniam cidadãos em diversas organizações articuladas para combater o regime.

Alguns desses fatos foram relatados por pessoas que defenderam ou eram contrárias ao governo daquele período. Este embate ideológico de caráter político, histórico e social esteve presente tanto nas vozes dos “personagens reais” quanto nos comentários de visitantes do vídeo postado no YouTube, os quais apoiaram ou criticaram os testemunhos. Os signos verbais utilizados nos discursos nos remetem ao que disse Bakhtin sobre a “arena das lutas de classes”. Em suas palavras:

O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também *se refrata*. O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais no limite de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: a *luta de classes*. Classe social e comunidade semiótica não se confundem. Pelo segundo termo entendemos a comunidade que utiliza um único e mesmo código ideológico de comunicação. Assim, classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua. Consequentemente, *em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios*. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes (BAKHTIN, 2009, p. 46).

Observamos frequentemente, nos testemunhos e nas vozes dos telespectadores, o uso de palavras no sentido metafórico, eufemístico, polissêmico ora denotando ironia, ora em tom de deboche e até mesmo em forma de condenação acompanhadas de palavrões.

Para os testemunhos, que fazem parte da nossa análise, incluímos alguns comentários dos internautas. Os comentários coletados foram organizados por categoria – os que defendem os militares, os que são contra

os militares – e outras categorias que podiam ser agrupadas tais como: valores da sociedade, necessidade de que os meios de comunicação apresentem fatos históricos ajudando a constituir a memória, dentre outros.

Na batalha pela memória observamos que a seção de “Comentários” relacionados aos testemunhos destes “personagens reais” foi alvo de manifestações de internautas que os ofenderam, os atacaram, os defenderam, os “denunciaram” relatando outros fatos ocorridos no passado e questionaram suas condutas no presente. Diante de tanta polêmica julgamos que os discursos destas pessoas mereciam especial atenção de nossa parte.

Ressalte-se que não editamos e nem corrigimos os comentários mesmo quando estes apresentaram erros ortográficos, pois a maneira como foram redigidos tem muito significado.

Assim, terminado este “situar” do *corpus*, percorreremos as análises dos testemunhos respaldando-nos com os conceitos teóricos da Análise do Discurso para interpretação das linguagens.

Depoimento da jornalista Rose Nogueira

Rose foi filmada ao som instrumental da canção de Geraldo Vandré *Pra não dizer que não falei das flores*. Aos 67 anos guarda os traços da sua beleza que provavelmente chamou a atenção dos seus algozes em seu dramático relato. Sua fala, bastante expressiva, é acompanhada de gestos que ora dirige a si própria para falar da amamentação, ora representa com as mãos o sadismo do seu torturador. Olha, com dignidade, para a câmera como se estivesse frente a frente com o espectador mesmo quando relata sua experiência traumática.

Rose Nogueira foi militante da Aliança Libertadora Nacional (ALN). No dia 9 de dezembro de 1969, a jornalista estava presa no DEOPS de São Paulo e a empresa onde trabalhava “Folha de São Paulo” demitiu Rose por “abandono de emprego”. Hoje, luta pelos Direitos Humanos – denuncia abusos e torturas da polícia contra o povo simples da periferia – e em 2009 tornou-se presidente do grupo “Tortura nunca mais”. Seu testemunho:

A minha participação política na resistência brasileira foi muito, muito, muito marcante em toda minha vida. A gente pode sempre dizer que esse episódio, fora o nascimento de um filho, fora isso, a sua família direta é a parte mais importante. Eu era repórter da *Folha da*

Tarde e, em 1969, eu escondia muita gente em casa. [...] Eu fui presa, um pouco antes eu estava grávida, meu filho tinha 33 dias. Eu sofri torturas físicas horríveis e muito mais na área moral, sevícia, sexual e apanhei muito. [...] Nós fomos expostos, nós fomos presos, nós fomos mutilados e, como consequência dessas torturas, eu tive uma infecção puerperal absurda e nunca mais pude ter filhos. [...] Hoje a presidente Dilma Rousseff, então, uma de nós, uma das donzelas da torre lá do presídio Tiradentes, virou Presidente da República. Nós tínhamos toda razão.

Pela voz de um internauta que postou um comentário no YouTube observamos sua coerência em termos ideológicos ao dirigir-se aos espectadores que se solidarizam com sua experiência e luta na atualidade: “Sei o que a Rose sofreu, porque tive parente que caiu nas mãos dos sanguinários do DOI-Codi. Que este sofrimento sirva para lutarmos sempre pela continuidade da democracia. [...] Só quem viveu aquele inferno sabe o quanto é terrível a falta de liberdade, até para conversar numa rodinha de amigos na esquina.” cajujornalista, 1 ano atrás.

Com seu depoimento em uma telenovela do SBT, Rose integra a parcela da sociedade que se organiza e não deixa cair no esquecimento o que aconteceu criminosamente nos “porões da ditadura”. A jornalista reforça sua atuação política como presidente do grupo “Tortura nunca mais”, atividade esta que se articula às desenvolvidas pelo museu “Memorial da Resistência” de São Paulo, ao qual já nos referimos anteriormente.

Ao dizer “*eu sofri torturas físicas horríveis e muito mais na área moral, sevícia, sexual*”, compreensivelmente, a jornalista evitou usar a palavra “estupro” em função de uma lembrança que não se apaga como ela mesma contou: “a de dentro jamais, não passa”.

Na frase “*hoje a Presidente Dilma Rousseff, então, uma de nós, uma das donzelas da torre lá do presídio Tiradentes, virou Presidente da República*”, Rose não esconde o orgulho que sente ao ver uma companheira de luta ocupando o mais alto cargo do Poder Executivo. O sentido de união e companheirismo revela-se na paráfrase “donzelas da torre” para designar as que estavam presas no primeiro andar do antigo presídio Tiradentes de São Paulo. Obviamente não se tratava de princesas dos contos de fada.

Depoimento do Coronel Sebastião Curió

No vídeo, o Coronel Sebastião Curió, nascido em 1934, aparenta ter entre 70 e 80 anos, que o cabelo pintado não esconde, sua voz é trêmula e a retórica denota sua convicção nos objetivos da “Revolução de 1964”, como denominam os que defendem o golpe de Estado.

A tipologia do discurso é de política neoliberal revelando seu posicionamento conservador, particularmente quando afirma que “era o choque entre a ideologia comunista que foi um fracasso (a palavra fracasso foi falada com entonação marcante) no Leste Europeu e no mundo todo e o Capitalismo, que eu não concordaria com o capitalismo selvagem, mas o capitalismo, a democracia, isso foi muito importante para o país e para Nação”.

Em sua ótica, foi um atendimento ao pedido da sociedade civil e a uma parcela dos militares daquele momento. O cenário e a roupa são neutros, o enquadramento privilegia o rosto e o olhar firme para a câmera ou olhando para baixo à direita (momento em que busca recordar-se dos fatos) ou quando olha para baixo à esquerda, um movimento sinestésico de reflexão acompanhado de sensação dolorosa. Parte de seu depoimento:

A revolução de 64 foi um atendimento das forças armadas, do Exército ao chamamento do povo, a marcha da família com Deus pela liberdade nas grandes cidades, nas praças pedia às forças armadas que dessem um basta àquela situação em que vivia o país, a ameaça de implantação da ideologia comunista no Brasil, a quebra da hierarquia nos quartéis, seríssimo, então houve necessidade, o exército não tomou a iniciativa, as forças armadas atenderam ao pedido do povo na rua, então foi muito importante, muito importante, era o choque entre a ideologia comunista que foi um fracasso no leste europeu e no mundo todo e o capitalismo, que eu não concordaria com o capitalismo selvagem, mas o capitalismo, a democracia, isso foi muito importante para o país e para Nação. [...] Se o regime cometeu algum abuso, eu acho que foi um abuso muito leve comparado com o que cometeu Fidel Castro em Cuba com *el paredón* e comparado com o que cometeu Stálin na União So-

viética com as mortes na Sibéria, então se houve excesso aqui não se compara com o excesso cometido pela ideologia comunista no mundo todo.

Ao afirmar que “a revolução de 64 foi um atendimento das forças armadas, do Exército ao chamamento do povo, a marcha da família com Deus pela liberdade nas grandes cidades, nas praças pedia às forças armadas que dessem um basta àquela situação em que vivia o país, a ameaça de implantação da ideologia comunista no Brasil”, claramente se coloca ao lado da população urbana, católica e defensora dos militares como governantes do Brasil. A parcela da população civil que apoiou, e ainda apoia, um governo autoritário são os destinatários do discurso de Curió.

De forma implícita e não dita, Curió reconheceu que houve violência contra os direitos humanos sem jamais mencionar as palavras “ocultação de cadáveres”, “tortura”, “sequestro”, “assassinato” – de pessoas contrárias às práticas impostas pelo governo militar: “se o regime cometeu algum abuso, eu acho que foi um abuso muito leve”.

Em substituição aos termos mais dramáticos, o militar lança mão do sentido polissêmico da palavra “abuso” que tanto pode significar uma irreverência (por exemplo, fulano é abusado) como uma grave violação de um direito humano que é ter direito à vida.

Curió silenciou sobre a Guerrilha do Araguaia no início dos anos 1970 quando um grupo ligado a partidos de esquerda e moradores da região foram brutalmente assassinados e, até hoje, vários estão desaparecidos.

“o que cometeu Fidel Castro em Cuba com el paredón e comparado com o que cometeu Stálin na União Soviética com as mortes na Sibéria, então se houve excesso aqui não se compara com o excesso cometido pela ideologia comunista no mundo todo”.

No discurso encontramos o modo de falar em autodefesa. Curió atenuou a violência dos militares contra os que se opunham durante os “anos de chumbo” comparando ao “que cometeu Fidel Castro em Cuba com *el paredón* e comparado com o que cometeu Stálin na União Soviética com as mortes na Sibéria”.

“A revolução de 64 foi um atendimento das forças armadas, do Exército ao chamamento do povo, a marcha da família com Deus pela liberdade nas grandes cidades, nas praças pedia às forças armadas que dessem um basta àquela situação em que vivia o país, a ameaça de implantação da ideologia comunista no Brasil, a quebra da hierarquia nos quartéis, seríssimo, então houve necessidade, o exército não tomou a iniciativa, as forças armadas atenderam ao pedido do povo na rua”.

Nessa fala Curió omite a luta interna dentro das Forças Armadas contra os que defendiam os direitos dos soldados e marinheiros de terem voz. Estes apoiavam o ex-presidente João Goulart e sua política de inclusão, contrariando os interesses dos setores mais conservadores. Estes posicionamentos foram analisados na tese de doutorado de Wilma Antunes Maciel a qual analisou a atuação dos agentes políticos militares de esquerda daquele momento:

No período anterior ao golpe civil militar de 1964 que derrubou o governo do presidente João Goulart, vivenciaram com grande intensidade uma contradição entre seu papel de militar, idealizado pelas instituições, de mantenedor da ordem social vigente, e as aspirações e lutas de sua classe de origem. Esses militares foram cassados ou deixaram as Forças Armadas após o golpe, outros permaneceram na ativa e foram presos por estarem ligados a grupos armados (MACIEL, 2009, p. 8).

Com a frase “a quebra da hierarquia nos quartéis, seríssimo”, Curió, metaforicamente, queria dizer que as ordens não eram para ser questionadas e tudo deveria ser cumprido conforme fosse decidido pelo grupo que detinha o poder. Quebrar no sentido de desobedecer. Na sua concepção, um ato inaceitável por parte de um militar. Ao revelar seu arquivo pessoal sobre a “Guerrilha do Araguaia”, Curió lembra que a ordem dos escalões superiores era tirar de combate todos os guerrilheiros. “A ordem de cima era que só sairíamos quando pegássemos o último.”

Em 2011, portanto 26 anos após o fim do governo militar, o Coronel Curió se apropria do discurso que os fundamentos do socialismo/comunismo desapareceram com a dissolução da União Soviética e com a mudança do comunismo chinês no final do século XX. O que Curió omite é que o socialismo sobrevive no Ocidente como, por exemplo, nos países nórdicos, que se desenvolveram democraticamente e respeitando os direitos humanos.

Depoimento do ex-senador Jarbas Passarinho

Pelo cenário, o testemunho de Jarbas Passarinho foi gravado fora de um estúdio, talvez seu escritório. Ao fundo aparecem imagens de condecorações. Apesar da dificuldade para falar, pela respiração entrecortada, pelo olhar, revela sua indignação (“do meu ponto de vista como senador que fui fazendo a defesa do texto da anistia”) por não ser lembrado como um benfeitor do Brasil. Jarbas Gonçalves Passarinho (nasceu em Xapuri/PA, em 11 de janeiro de 1920) é um militar e ocupou cargos políticos. Chegou a tenente-coronel quando da deposição de João Goulart e a subsequente instauração do Regime Militar de 1964, por meio do qual foi alçado à política. Em 1964 foi empossado governador do Pará, foi ministro do Trabalho e Previdência Social no governo Costa e Silva, ministro da Educação no governo Médici e, nessa condição, foi signatário do “Ato Institucional nº 5”. Reeleito senador em 1974, presidiu o Senado Federal de 1981 a 1983 e foi nomeado ministro da Previdência Social pelo presidente João Figueiredo. No governo Fernando Collor foi ministro da Justiça e não se elegeu quando concorreu ao governo do Pará em 1994. Sua fala:

Primeiro que [?] não tenhamos conseguido passar dos 40 anos sair como quem sai de uma trincheira de combate naquele momento; no ânimo, na disposição e, sobretudo, do ponto de vista daqueles que se deixam entregar ao maniqueísmo que dizem que essa parte da vida brasileira foi feita pelos maus. Nós somos o bem, estamos fazendo a nossa (parte), ainda não tivemos a resposta devida e outra mais ainda, do meu ponto de vista como senador que fui, fazendo a defesa do texto da anistia, nós temos a dignidade de ter colocado lá que os crimes conexos, então se eles são conexos, são os dois lados e até agora não se fala

do outro lado. O outro lado nunca foi criticado, nunca foi mostrado, quantos crimes foram praticados aí? Crimes coletivos como o do atentado de Guararapes e como individuais! Aquelas pessoas foram todas mortas. É um terrorismo individual; não sei por que não mostra isso.

Para a Análise de Discurso de linha Francesa, o lugar de onde fala o sujeito é constitutivo de seu dizer. Desse modo, Passarinho, que ocupou tantos cargos públicos de alta influência, relembra sua posição de ex-senador para conferir maior força ao seu discurso. Assim pontua Eni Orlandi: “Como nossa sociedade é constituída de relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’” (ORLANDI, 2010, p. 40).

Em seu veemente discurso, no contexto da democracia atual, Passarinho defende os militares e também desafia quem é contra a “revolução” de 1964. No “diálogo” pela internet o sujeito locutor recebe a resposta de internautas receptores que também não deixam dúvida sobre suas ideologias:

A favor: “Com o advento da Anistia, os Militares voltaram aos quartéis e a história passou a ser contada por um lado e instituiu-se este lado como as vítimas sem mencionar suas atrocidades. [...] Todos os depoimentos narram fatos após a prisão, mas ninguém conta o que fez antes da prisão.” *Charliebartz, 1 ano atrás.*

Contra: “Maniqueísmo é o ***** !! Tudo ocorreu em resposta a opressão e tortura deliberada que vocês praticaram. E ainda ficam fazendo essa cara de santo, como se tivessem sido vítimas! Reacionários de ***** !!!!” *Anderson Tavares, 8 meses atrás.*

Sobre a lei da anistia, Passarinho interpela os espectadores com a fala:

Nós temos a dignidade de ter colocado lá que os crimes conexos (crimes que estão em relação de causa e efeito porque um é cometido durante a execução do outro), então se eles são conexos, são os dois lados e até agora não se fala do outro lado. O outro lado nunca foi criticado, nunca foi mostrado, quantos crimes foram praticados aí?

Nesse sentido, o historiador Daniel Aarão Reis problematiza a construção da memória no contexto do sistema democrático de governo e denomina essas discussões de “batalhas de memória”, ou seja, em função da visão de diferentes grupos sobre o período militar. Por outro lado, Passarinho silencia e, ao mesmo tempo, admite a prática institucionalizada de matar opositores da ditadura.

Avaliando os depoimentos do Coronel Curió e do militar da reserva, Jarbas Passarinho, convém registrar que eles foram os únicos a se referir ao enorme contingente da população civil que apoiou a ditadura naquele período embora não assumam hoje, publicamente, esse fato. Da mesma forma questionaram os opositores ao regime militarista sobre seus erros, encontrando na voz dos internautas o eco às suas mensagens. Sobre esse ponto de vista destacamos a crítica ácida do historiador e ex-militante da luta armada, Daniel Aarão:

Na gênese da ditadura, tende-se a apagar o grande embate social. O projeto reformista revolucionário evaporou-se, transformado em um fantasma. As esquerdas foram vitimizadas. Os amplos movimentos sociais de direita, praticamente apagados. Os militares, estigmatizados gorilas, culpados únicos pela ignomínia do arbítrio. A ditadura, quem apoiou? Muito poucos, raríssimos, nela se reconhecem ou com ela desejam ainda se identificar. Ao contrário, como se viu, todos resistiram. Mesmo a esquerda revolucionária transmudou-se numa inventada resistência democrática de mãos armadas (REIS, 2004, p. 50).

Depoimento do senador Aloysio Nunes Ferreira

Em seu discurso Aloysio Nunes começa apresentando seu lugar de fala como membro do Congresso Nacional na posição de senador por São Paulo. Fala pausadamente demonstrando equilíbrio e clareza em suas explicações ao se referir ao seu passado como militante da luta armada contra o regime militar. Seu tom de voz fica mais firme e mais enérgico quando enfatiza que a luta armada foi um erro político. Seu testemunho:

Meu nome é Aloysio Nunes Ferreira; eu sou senador por São Paulo. Come-

cei a militar no movimento estudantil em 63, quando entrei na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. [...] Em diferentes lugares, surgiram grupos que pregavam a luta armada como único caminho, um caminho realmente eficaz para derrotar a ditadura. Eu fiz parte da formação inicial do núcleo da ALN; participei das primeiras ações armadas. Nessa época houve um mandado de prisão preventiva contra mim, expedido pela Auditoria Militar aqui em São Paulo; eu precisei sair do Brasil. Saí, fui condenado a três anos de prisão, 10 anos de cassação de direitos políticos. [...] Não me arrependo de nada! Eu acho que o caminho da luta armada foi um caminho errado, foi um erro político. O povo brasileiro estava, em grande parte, digamos assim iludido pelo milagre brasileiro. Eu fiz aquilo que eu achava que era o meu dever fazer na época.

Aloysio Nunes começou a militância política em 1963 quando entrou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco da Universidade de São Paulo (USP). Logo depois do golpe militar de 1964, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) que, por ter sua existência proibida, atuava na clandestinidade. Foi presidente do tradicional Centro Acadêmico XI de Agosto da Faculdade de Direito da USP e formou-se bacharel em Direito em 1968.

Como o PCB se opunha à resistência armada contra a ditadura militar que se instalara desde 1964 no Brasil, Aloysio Nunes, assim como vários jovens da época que tinham ideais esquerdistas, ingressou na Aliança Libertadora Nacional (ALN), organização guerrilheira liderada por Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira, o Toledo.

Sofrendo um processo penal em que já havia um pedido de prisão preventiva e com a possibilidade de que descobrissem algo sobre suas ações armadas, foi enviado a Paris por Marighella utilizando um passaporte falso. Filiou-se ao Partido Comunista Francês em 1971 e negociou com o presidente Boumedienne, da Argélia para que brasileiros recebessem treinamento militar de guerrilha naquele país.

Pôde, finalmente em 1979, regressar ao Brasil devido à promulgação da “Lei de Anistia”, a qual benefi-

ciou todos que cometeram crimes políticos de qualquer tipo.

Desfilou-se do PCB e filiou-se ao PMDB, tendo sido eleito por este partido deputado estadual de 1983 a 1991. Foi vice-governador de São Paulo de 1991 a 1994, eleito na chapa de Luiz Antônio Fleury Filho. Acumulou a função de vice-governador com a de secretário estadual de Negócios Metropolitanos.

Foi candidato derrotado do PMDB à prefeitura de São Paulo em 1992. De 1995 a 2007, Aloysio foi eleito para deputado federal já pelo PSDB. No dia 3 de outubro de 2010, Aloysio foi eleito senador pelo PSDB de São Paulo.

Em seu testemunho destacamos:

“Não me arrependo de nada! Eu acho que o caminho da luta armada foi um caminho errado, foi um erro político. O povo brasileiro estava, em grande parte, digamos assim iludido pelo milagre brasileiro. Eu fiz aquilo que eu achava que era o meu dever fazer na época.”

Em entrevista a um jornal em 2010, Aloysio Nunes explica o porquê de hoje considerar que foi um equívoco ter participado da luta armada contra ditadura militar e citou Dilma Rousseff como militante que compartilhava da mesma forma de agir, embora em organizações diferentes (eles não se conheceram naquela época):

Aloysio Nunes: “A análise política daquele momento nos levou, tanto ela quanto a mim, a uma posição de ultra-esquerda. [...] Foi uma ilusão achar que o povo brasileiro estava pronto para pegar em armas contra a ditadura. Vendo isso retrospectivamente foi um profundo equívoco, uma análise falsa e subjetivista que nos levou a um grande desastre. Muita gente morreu. Tanto ela (Dilma Rousseff) quanto eu e outros agimos como nossa consciência ditava na época. Lutar contra a ditadura da forma mais radical possível era uma exigência ética e moral.”

Em entrevista a jornalistas do Programa Roda Viva da TV Cultura, em 2010, o senador reforçou sua opinião de ter se equivocado ao participar da luta armada

explicando que “comete-se erros políticos todos os dias” e não se sente constrangido ao reconhecer isso. O historiador Jacob Gorender com outras palavras opinou sobre a impossibilidade de a luta armada teria de derrubar os militares do poder.

Não é o caso, contudo, da avaliação do que significou a luta armada dos anos 60 e 70. Com muita propriedade, Apolônio de Carvalho, no seu livro de memórias, chamou-a de *protesto armado*. Objetivamente, a esquerda não tinha condições sequer mínimas para o enfrentamento pelas armas com a ditadura militar. O que conseguiu fazer, em termos concretos, foi protestar com atos de violência, em resposta à violência terrorista institucionalizada pelos generais (GORENDER, 1998, p. 290).

Aloysio Nunes não mencionou sua posição de vice-governador de Luiz Antonio Fleury Filho no governo paulista (1991-94) e o episódio de flagrante desrespeito aos direitos humanos, conhecido como o massacre do Carandiru ocorrido na penitenciária da cidade de São Paulo em 02/10/1992, véspera da eleição municipal. Naquele pleito, Aloysio Nunes concorria ao cargo de prefeito de São Paulo. O governo estadual paulista foi acusado de retardar a divulgação do número de mortos na rebelião para não atrapalhar a votação em seu candidato. Quando a contagem foi concluída, o Brasil conheceu a dimensão do que ficou conhecido como o Massacre do Carandiru: 111 presos mortos a tiros por policiais militares. Analistas políticos consideram que Aloysio Nunes foi omissivo nesse episódio. Diante do ocorrido houve um processo e o Estado brasileiro foi condenado, em 13/04/2000, pela Corte Interamericana de Direitos Humanos, por haver cometido graves violações aos direitos humanos.

Depoimento do advogado Carlos Araújo

O depoimento do advogado Carlos Araújo foi o último a ser levado ao ar nos dias 04 e 05/07/2011. Houve divulgação pela imprensa sobre a gravação do testemunho do ex-marido da atual presidente da República e este é o aspecto que ressaltamos na formação discursiva, o relato foi feito em nome de si próprio e também, de maneira implícita, em nome da atual chefe do Poder Executivo. O *lettering* que o apresentou indicava: “Carlos Araújo, ex-marido de Dilma Rousseff”.

Carlos Franklin Paixão de Araújo, advogado, foi casado com a presidente Dilma Rousseff por mais de 25 anos. Ele cresceu sonhando em ser de esquerda como o próprio pai, participou da *Juventude Comunista* na adolescência, integrou o comando de uma organização armada contra a ditadura militar, passou quase quatro anos como preso político e foi três vezes deputado estadual pelo PDT gaúcho. Hoje, aos 74 anos, Carlos Franklin Paixão de Araújo é dono de um escritório de advocacia. Seu discurso:

Eu tenho muito orgulho, além de ser companheiro da Dilma por esse tempo todo nós sempre nos identificamos muito, até hoje nos identificamos. [...] Sempre fui uma pessoa de esquerda, então, com a ditadura não tinha outra saída a não ser partir para a luta armada, tentar enfrentar a ditadura de frente. Nós formamos uma organização nacional chamada Vanguarda Armada Revolucionária Palmares. Nós praticávamos ações de expropriação, conforme nós chamávamos nos bancos, nós íamos buscar dinheiro nos bancos, nós queríamos ter dinheiro para comprar armas. [...] Tenho muito orgulho de ter participado dessa luta do povo brasileiro contra a ditadura. Uma luta que foi árdua foi uma luta difícil, mas acabou sendo exitosa. Dilma foi presa lá na frente do Estádio, em São Paulo, bem na frente, e, como todos os demais foi torturada, lá na OBAN. [...] A Dilma, eu sei que ela tem muito orgulho do que fez; ela se sente honrada, nós todos nos sentimos honrados, resalto sempre isso. Não quer dizer que não temos uma visão crítica hoje, temos sim.

Comentários de internautas

Talvez pelo fato de o passado ser muito recente, as vozes de alguns sujeitos que se manifestaram no YouTube denotam certa dificuldade para “recordar” o período do regime militar, possivelmente, voltadas para interesses políticos do presente. Observamos que as interpretações reforçam as “batalhas” pela memória preocupando-se mais em defender ou desqualificar o sujeito enunciatário do que a compreender a história oral como um processo de construção histórico-social.

Destacamos alguns discursos nos quais observamos o uso de adjetivos que revelam o olhar radical a respeito dos que lutaram contra a ditadura. Ora são classificados como “pilantras”, ora como “heróis”. Já a pessoa que defende o militarismo, na visão do que comentou, só pode ser “desinformado” e “cínico”.

Discurso a favor dos militares

“Somente o povo brasileiro mesmo pra idolatrar os bandidos...” Fenix Fubrer, 2 semanas atrás.

“Não pilantra, a ‘luta’ não foi exitosa. O Brasil não foi transformado numa maldita Cuba, [...] Graças, quem diria!, ao militares o Brasil foi preservado do comunismo. Hoje pela democracia que vocês tentaram destruir, uma terrorista ladra foi eleita e é presidente.” edgestontombstone, 1 mês atrás.

“Viva os heroicos militares... Brasil..” mario santo, 1 mês atrás.

O Brasil quer ver todos esses bandidos fora do país. Chega de corrupTos, Dircen, Lula e todo seu bando.” SLZ1972NT, 6 meses atrás.

Discurso contra os militares

“hoje, eles estão velhos, doentes e praticamente acabados. Mas eles não tem ideia da importância que tiveram. São muito mais que heróis. Tem quem diga que são terroristas cruéis, que mataram muito mais que militares. Só que foram os únicos que o fizeram com dignidade e com razão.” Ina Gbilán, 1 mês atrás.

“Engraçado... Questionam sobre a democracia no ‘comunismo’, mas não questionam uma DITADURA que acabou com os direitos e as liberdades, o que MOTIVOU a luta da esquerda contra ela. Essa mesma ditadura que ‘defendia’ o Brasil contra o comunismo, mui democraticamente PRENDEU e TORTUROU quem era E QUEM NÃO ERA militante de esquerda! Não sei se seus defensores são desinformados, cínicos, ou simplesmente da mesma laia que a milicada.” Dan1990keto, 9 meses atrás.

Como vimos a interpretação do passado pelos “receptores/comentaristas” demonstrou-se conflituosa

e fragmentada. Percorrer estes discursos, relacionados ao depoimento de Carlos Araújo, foi fundamental para contemplar o resgate da memória pela telenovela marcada pela “contradição”.

Outros pontos de vista chamaram nossa atenção vinculada à preocupação sobre o presente nas reflexões dos sujeitos receptores. Se o passado serve para reivindicar outras soluções para o futuro de convivência social mais justa e harmoniosa, ou menos trágica, recorremos a Roger Silverstone para situar os questionamentos feitos pelos espectadores sobre a coerência entre os atos passados e a realidade da sociedade em que se encontram:

Lembranças são postas em dúvida e contestadas, embora em algum lugar sempre haja uma alegação de que há realidade fora da memória para agir como juiz e júri. Mas sabemos (não sabemos?) que fatos históricos só têm importância na medida em que têm importância, e nessa importância, é uma questão de valor, não de verdade (embora a verdade, claro, seja um valor). (SILVERSTONE, 2005, p. 233).

Alguns compararam os confrontos da luta armada entre militaristas e opositores durante a ditadura à “guerra” entre bandidos e pessoas da sociedade, no cenário atual, em disputa por bens materiais (*“Atualmente esse é o quadro do Brasil, com 50 mil mortes por ano”*) e atendimento público para o tratamento da saúde com dignidade: *“para um pai o mãe que perde seu filho na fila do SUS, sofre mais do que se tivesse perdido em uma luta armada”*.

Outra pessoa questiona, sob o ponto de vista moral, as justificativas para assaltar bancos, para ele/ela *“roubou banco ou roubou qualquer outra coisa é ladrão”*.

Finalmente destacamos os discursos nos quais os receptores críticos apontam a retórica da linguagem midiática como instrumento de persuasão: *“Eu sinceramente desconfio que tem cara que fica defendendo o PT na internet pq foi escalado pra isso.”*; *“Collor foi apoiado pela Globo (edição manipulada) e Veja (“caçador de marajás”, a revista que criou esse apelido)”*. Este mecanismo não necessariamente é indesejável em uma sociedade democrática conforme o pensamento do Silverstone:

Não existe, portanto, nenhuma contradição entre retórica e democracia, ou entre retórica e conhecimento. Pelo contrário, a retórica pressupõe e requer democracia; e na medida em que a retó-

rica é tanto prática como crítica ela também a sustenta. A retórica é essencial tanto para o exercício do poder como para a sua oposição (SILVERSTONE, 2005, p. 65).

Considerações finais

Os discursos testemunhais – materialidades discursivas da memória – de *Amor e Revolução*, devem ser encarados como um dos componentes para o entendimento do passado. Segundo a ADF, todo discurso é um jogo de imagens reveladas na ideologia dos dizeres, nos lugares ocupados pelos sujeitos na sociedade e nos discursos dos sujeitos com eles mesmos (comunicação não verbal). Jogo esse presente, como não poderia deixar de ser, nos discursos dos militares Sebastião Curió e Jarbas Passarinho assim como nas falas dos opositores à ditadura militar.

Porém, não podemos esquecer que os depoimentos foram inseridos em um produto midiático produzido para finalidades comerciais de uma emissora de televisão aberta e o mais importante: provavelmente foram preparados, ensaiados e, seguramente, foram editados.

Identificamos os depoimentos como “história-memória” e assim, inferimos que o sentimento de dignidade era o objetivo latente dos sujeitos/enunciadores. Sentir-se digno e respeitado é um direito humano, seja ele ideologicamente de *esquerda* ou de *direita*.

Para os espectadores e enunciatários dos interdiscursos que circulam em nossa sociedade fica o papel de selecionar e reverberar os discursos como melhor lhe aprouver e fizer sentido.

Referências

ALMADA, Izaías; FREIRE Alípio; PONCE, José Adolfo de Granville. *Tiradentes, um presidio da ditadura: memórias de presos políticos*. São Paulo: Scipione, 1997.

AMOR E REVOLUÇÃO. Site *YouTube.com*. *Depoimentos de Carlos Araújo*. Disponível em: <<http://www.YouTube.com/watch?v=EMSBKx1-rhg>>; <<http://www.YouTube.com/watch?v=dIGFv--nvKM>>. Acesso em: 09/02/2014.

AMOR E REVOLUÇÃO. Site *YouTube.com*. *Comentários relacionados ao depoimento de Carlos Araújo*. Disponível em: <http://www.YouTube.com/all_comments?v=TC3uJ-CHZjA0>. Acesso em: 04/04/2014.

AMOR E REVOLUÇÃO. Site *YouTube.com*. *Depoimento de Aloysio Nunes Ferreira Filho*. Disponível em: <<http://www.YouTube.com/watch?v=HOeQvoUjP0I>>. Acesso em: 09/02/2014.

AMOR E REVOLUÇÃO. Os exemplos 1, 2 e 3 estão em: *YouTube* (05/04/2011): “SBT HD – *Amor e Revolução – Depoimento #1 Maria Amélia Teles*. Disponível em: <http://www.YouTube.com/all_comments?v=Ww-QmM8ci9cI>. Acesso em: 30/03/2014.

AMOR E REVOLUÇÃO. Site *YouTube.com*. *Depoimento de Rose Nogueira*. Disponível em: <<http://www.YouTube.com/watch?v=52YC9asSMKQ>>. Acesso em: 09/03/2014.

AMOR E REVOLUÇÃO. Site *YouTube.com*. *Depoimento do Coronel Sebastião Curió*. Disponível em: <<http://www.YouTube.com/watch?v=XGBBCTiniTU>>. Acesso em: 09/04/2014.

AMOR E REVOLUÇÃO. Site *YouTube.com*. *Depoimento de Jarbas Passarinho*. Disponível em: <<http://www.YouTube.com/watch?v=XGBBCTiniTU>>. Acesso em: 09/03/2014.

AMOR E REVOLUÇÃO. *Blog Amor e Revolução*, Fórum. Disponível em: <<http://amorerevolucao.webnode.com/forum/>>. Acesso em: 25/03/2014.

AUGÉ, Marc. *A ideologia do presente*. Entrevista concedida a Silvina Frieria. *Jornal Página/12*, 17/12/2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/516536-a-ideologia-do-presente-entrevista-com-o-antropologo-marc-auge>>. Acesso em: 18/03/2014.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação/consumo/consumidor no campo da comunicação: pistas para o estudo das inter-relações*. Anais X Congresso ALAIC. La investigación de la comunicación en tiempos de crisis: diálogos entre lo local y lo global. 22 al 24 de septiembre de 2010. GT17 Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación. Disponível em: <http://www.alaic.net/alaic30/ponencias/cartas/TEORIAOMETODOLOGIA/ponencias/GT17_5Aparecida.pdf>. Acesso em: 09/02/2014.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Estudo das ideologias e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2009.

BARBOSA, Marialva Carlos. Comunicação e história: presente e passado pelos atos narrativos. *Comunicação, Mídia e Consumo*, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, v. 6, n. 16, p. 11-27, jul. 2009.

FERREIRA, Aloysio Nunes. *Somos lobo com pele de lobo*. Entrevista a Julia Duailibi. *O Estado de S. Paulo*, notícias, Brasil, 09/04/2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,somos-lobo-com-pele-de-lobo,535967,0.htm>>. Acesso em: 27/03/2014.

GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. São Paulo: Ática, 1998.

HAMBURGER, Esther. Telenovelas e interpretações do Brasil. *Lua Nova*, São Paulo, n. 82, p. 61-86, 2011.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de Lopes; MUNGIOLO, Maria Cristina Palma. Ficção televisiva transmidiática: temas sociais em redes sociais e comunidades sociais de fãs. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de Lopes (Org.). *Ficção televisiva transmidiática no Brasil: plataformas, convergências, comunidades virtuais*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. O campo epistemológico da comunicação. *Revista USP*, São Paulo, n. 48, p. 46-57, dez./fev. 2000-2001.

MACHADO, Arlindo. O mito da alta definição. In: FECHINE, Yvana; SQUIRRA, Sebastião (Orgs.). *Televisão digital: desafios para a comunicação*, Porto Alegre: Sulina, 2009.

MACIEL, Wilma Antunes. *Militares de esquerda: formação, participação política e engajamento na luta armada (1961-1974)*. 2009. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad.: Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2010.

PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia de televisão*. 2. ed.. São Paulo: Perspectiva, 2012.

REIS, Daniel Aarão. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru/SP: Edusc, 2004.

SADER, Emir. *O anjo torto: esquerda e direita no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SARLO, Beatriz. *Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo*. Una discusión. 1. ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

SIGNATES, Luiz. Epistemologia da Comunicação na Democracia: a centralidade do conceito de comunicação na análise dos processos políticos. *Revista Novos Olhares*, v. 1, n. 1, p. 7-18, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/novosolhares/article/view/8083>>. Acesso em: 19/03/2014.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* Trad.: Milton Camargo Mota. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

Site Estadão.com.br. *Curio abre arquivo e revela que Exército executou 41 no Araguaia*, 20/06/2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,curio-abre-arquivo-e-revela-que-exercito-executou-41-no-araguaia,390566,0.htm>>. Acesso em: 10/03/2014.

SONTAG, S. *Sobre fotografia*. Trad.: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TV CULTURA. *Programa Roda Viva*, entrevista de Aloysio Nunes Ferreira Filho, 19/10/2010. Disponível em: <<http://www.YouTube.com/watch?v=d3wQLxcRztk>>. Acesso em: 27/03/2014.

UOL. Na Telinha. *Vazam novas cenas de tortura de Amor e Revolução*, 06/02/2011. Disponível em: <<http://natelinha.uol.com.br/noticias/2011/02/06/223343.php>>. Acesso em: 16/02/2014.